

ORALIDADE – FALA E ESCUTA: O DISCURSO INTERATIVO EM SALA DE AULA

Maria Ignez Salgado de Mello Franco¹
Mestre em Psicologia da Educação (PUC-SP)

Marilena Zanon²
Doutora em Língua Portuguesa (UNIP)

Vanessa Pelissari de Marchi Morais³
Mestre em Língua Portuguesa (PUC-SP)

RESUMO: Este tema foi apresentado na III Jornada de Educação Linguística, ocorrida em 17 de outubro de 2023, na modalidade de minicurso, com o título *Práticas de Análise Linguística – Oralidade – Fala e Escuta: o discurso interativo em sala de aula*, sob a perspectiva da Educação Linguística, levando em conta o propósito comunicativo de uma dada situação de enunciação. Nosso aporte teórico foi, primordialmente, Kerbrat-Orecchioni (2014), que propõe o estudo das relações que se constroem, pelo viés da troca verbal, entre os interlocutores. Ela analisa conversações em seus vários aspectos, como o exercício da fala que implica a locução, a interlocução e a interação. Na oportunidade, atividades foram apresentadas, considerando-se o uso – reflexão – uso, levando em conta o contexto de produção e recepção em que ocorrem.

Palavras-chave: Educação Linguística. Oralidade. Fala e Escuta.

ABSTRACT: This theme was presented at the III Journey of Linguistic Education, which took place on October, 17th, 2023, as a mini-course, title *Linguistic Analysis Practices – Orality – Speech and Listening: the interactive discourse in the classroom*, from the perspective of Linguistic Education, taking into account the communicative purpose of a given enunciation situation. Our theoretical contribution was, primarily, Kerbrat-Orecchioni (2014) who proposes the study of the relationships that are built, through the bias of verbal exchange, between interlocutors. Our theoretical contribution was, primarily, Kerbrat-Orecchioni (2014) who proposes the study of the relationships that are built, through the bias of verbal exchange, betweeninterlocutors. On the occasion, activities were presented, considering the use – reflection – use, taking into account the context of production and reception in which they occur.

Keywords: Language Education. Orality. Speaking and Listening.

¹ Endereço eletrônico: mfranco@uol.com.br

² Endereço eletrônico: marilenazanon@uol.com.br

³ Endereço eletrônico: marchimorais@yahoo.com.br

Introdução

As inquietações a respeito do ensino da língua são um tema que perpassa desde a formação do professor até a prática na sala de aula, seja em escola pública, seja em escola particular, ao considerar o direito de acesso à educação e ao uso da língua materna. Somente a partir da década de 80 do século XX, os estudiosos conseguiram mostrar a importância da modalidade oral e afirmar que nenhuma das duas – oral ou escrita – é superior à outra, pois ambas se complementam, nos diferentes contextos das práticas sociais. A própria vida em sociedade reconhece as duas modalidades: a oral, marcada pela linguagem coloquial; a escrita, associada à linguagem culta. A oralidade tem sua importância na prosódia, no movimento dos olhos e do corpo; tem variações estilísticas e pode ser utilizada tanto em situações informais, quanto em situações formais. A entonação, as pausas e outros recursos chamados “suprasegmentais” são importantes na construção do texto oral. Todos os povos têm tradição oral, que deve ser conhecida e estudada pelos alunos que falam aquela língua.

Nosso objetivo é propor o ensino da oralidade como uma das práticas da escola, discutindo a dificuldade que a instituição escolar tem em aceitar essa prática, entendendo que os diferentes turnos da fala e da escuta são aprendidos na ação, em grupo e em sociedade, reconhecendo que a oralidade é uma prática de língua a ser trabalhada na escola e, também, um caminho para o desenvolvimento cognitivo, para a aprendizagem linguística e para a formalização da modalidade oral. Assim, é necessário desenvolver habilidades e competências linguísticas de falar e de escutar e reconhecer estratégias para o ensino-aprendizagem da oralidade. Enfatiza-se o trabalho concomitante à oralidade: “a habilidade da escuta” atenta do interlocutor, que também deve ser trabalhada. Chamamos também a atenção para outro aspecto: o crescente uso de textos com traços de oralidade e de escrita, especialmente na Internet (*os bate-papos síncronos*).

Sob o foco da Educação Linguística (EL), que leva em conta o *propósito comunicativo* em diferentes situações de enunciação, apoiamo-nos na Linguística da Enunciação, na Análise da Conversação e em linguistas que estudam a modalidade oral, buscando desenvolver a capacidade comunicativa do aluno e as habilidades cognitivas presentes na modalidade oral da linguagem, implantando conhecimentos prévios, indicando algumas de suas características, analisando gêneros orais do cotidiano, por meio das capacidades de falar e de ouvir, bem como desenvolvendo habilidades e competências linguísticas de falar e de escutar. Tentaremos responder, ao longo deste artigo, questões como: 1) o que é e como se desenvolvem as

competências de fala e escuta?; 2) que gêneros orais podem ser trabalhados em sala de aula e como?; 3) como se organiza o discurso oral textual?; e 4) que traços linguísticos são próprios da modalidade oral?

Por que não deveria a escola se preocupar em trabalhar questões de fala e de escuta? Segundo os PCN: “Eleger a língua oral como conteúdo escolar exige o planejamento da ação pedagógica, de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua” (BRASIL, 1997, p. 49-50).

O Ensino da Língua Portuguesa, na perspectiva da EL, organiza-se por meio de seis pedagogias: Pedagogia do oral; Pedagogia da leitura; Pedagogia da escrita; Pedagogia da literatura; Pedagogia Léxico-gramatical e Pedagogia do digital. Nosso artigo tem como tema a Pedagogia do Oral. É sabido que professor e aluno não podem aceitar que eles estejam, durante o ensino-aprendizagem da oralidade, em uma aula de “bate-papo” e devem ser orientados sobre: o contexto social, as características, a compreensão e o estilo do gênero estudado, o suporte exigido em uma apresentação oral, bem como as características diversas que contribuem para o sucesso da modalidade oral: idade do interlocutor, posição social dos entrevistados, sexo, profissão e cargo.

Na oralidade, para além dos aspectos linguísticos evidenciados na escrita, é fundamental considerar elementos como: marcadores conversacionais, construção e organizações tópicas, pausas, silabação, elevação do tom de voz, prolongamentos, entre outros aspectos específicos da modalidade oral. Lembramos que algumas habilidades básicas de oralidade a serem trabalhadas durante as aulas de Língua Portuguesa são: apresentar opinião sobre assuntos significativos, atuar com interesse e atenção nas conversas, identificar informações implícitas em situações de interação oral (fazer inferências de sentido) e reconhecer informações explícitas em situações de interação oral.

Pressupostos teóricos

Este artigo tem, como suporte teórico, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 8) que define os posicionamentos do falante e do ouvinte no exercício da fala, indicando *uma alocução* (existência de um destinatário fisicamente distinto do falante), *uma interlocução* (troca de palavras, diálogo ou comunicação face a face) e *uma interação* (exercício de uma rede de influências mútuas – “falar é trocar, e mudar na troca”). Segundo a linguista francesa, necessariamente, “o exercício da fala implica uma interação”, o que significa dizer que há trocas

e influências no contato com o outro. Nesse sentido, a fala é sinônimo de troca, de alternância. A situação comunicativa compreende: o lugar, o objetivo, os participantes.

Palma, Turazza e Nogueira Júnior (2008) entendem EL como um “[...] processo de ensino e aprendizagem que visa a tornar o indivíduo capaz de utilizar a língua materna, conscientemente, nas diferentes situações comunicativas presentes na vida em sociedade, como forma de possibilitar seu desenvolvimento integral, garantindo-lhe a cidadania plena [...]” (p. 215). De acordo com esses autores, o ensino tem por intenção preparar o indivíduo para o exercício da cidadania, elegendo-se os diferentes gêneros textuais, materializados em textos, como objeto de ensino das práticas de leitura e produção de textos escritos, de escuta e de produção de textos orais, de análise linguística, considerando a relação teoria-prática em que o fazer pedagógico se concretiza, acompanhado de metodologias ativas que levem a mudanças no processo de ensino e de aprendizagem. Na obra mencionada, os autores defendem que “A educação linguística tem por objetivo geral a formação proficiente de crianças e jovens como seres pensantes- comunicantes. Nessa acepção, contribui para a Educação Matemática, a Educação Artística, a Educação Literária, a Educação do Mundo do Trabalho e outras” (p. 29).

Lomas (2003) apresenta um quadro em que várias competências são necessárias para se atingir a competência comunicativa. São elas: *Competência Linguística ou Gramatical* – capacidade inata, conhecimento do código de uma língua; *Competência Estratégica* – capacidade para regular a interação, eficácia comunicativa; *Competência Semiológica* – conhecimentos, habilidades e atividades na análise dos usos e formas íconoverbais dos meios de comunicação e da publicidade; *Competência Sociolinguística* – capacidade de adequação ao contexto comunicativo, uso apropriado da língua; *Competência Textual ou Discursiva* – capacidade de produção e compreensão de diversos tipos de textos; e, por último, *Competência Literária* – capacidade de produção e compreensão de textos literários. O domínio mínimo de todas essas competências leva o estudante à competência comunicativa, tornando-o “poliglota da própria língua” (BECHARA, 2004). Do ponto de vista do Ensino Fundamental e Médio, formar o “poliglota da própria língua” é a meta a ser atingida no processo de ensino e de aprendizagem das aulas de Língua Portuguesa, tendo como seu eixo articulador a competência comunicativa.

Flores *et. al.* (2008, p. 35) afirmam que “os linguistas do campo enunciativo se interessam por fenômenos linguísticos, cuja descrição implique referência ao ato de produzir o enunciado. Esses estudiosos analisam o processo (a enunciação), e não o produto (o enunciado)”. Assim, segundo esses autores, a estrutura enunciativa é uma instância pressuposta

que está na origem de todo e qualquer enunciado, ou seja, as marcas da enunciação serão observadas no enunciado.

A pedagogia do oral

A oralidade é o termo que se refere às práticas sociais na modalidade falada da língua, estas podendo ser aprendidas por competências e habilidades próprias sugeridas pela BNCC (2017, p. 76). Apesar da espontaneidade, ela tem regras, como: respeito aos turnos dos falantes, modulação de voz, posição corporal interativa, incluindo gestos; linguagem polida nos atos de fala, marcadores conversacionais, quer prosódicos, lexicais ou não lexicais; dimensão multimodal com recursos gestuais, expressões faciais, voz e outros elementos possíveis. Ela engloba, em sala de aula, três habilidades: a comunicação, a escuta e a fala. Na oralidade, é importante reconhecer usos da língua e variações linguísticas orais; transformar um texto escrito em um texto oral; produzir efeitos de sentido em situações orais adequadas; produzir gêneros orais do cotidiano; propor atividades que estimulem o gênero oral adequado. Conversa, discussão, entrevista, debate, aviso, convites, entre outros; reconhecer o significado de palavras e expressões; relatar e resumir. As atividades orais visam ao ensino/aprendizagem de diferentes aspectos: coerência global do texto oral; articulação entre os diversos tópicos ou subtópicos da conversação, buscando suas especificidades, a variedade de tipos e de gêneros de discursos orais e a facilitação do convívio social.

A pedagogia do oral tem como foco o desenvolvimento da expressão e da compreensão oral, em variedades do Português Brasileiro, com vistas ao domínio progressivo da expressão e da compreensão de gêneros orais formais e públicos, fundamentais para a vida em sociedade. Propõe-se, ainda, desenvolver, no falante, a análise e a reflexão sobre a comunicação, aprimorando sua metacognição em relação ao uso da oralidade, visando também a que o estudante adquira os recursos específicos verbais e os não verbais presentes na fala. Na modalidade oral, uma infinidade de gêneros pode ser utilizado, de acordo com a especificidade exigida aos anos de escolaridade: *Literários*: podcasts, audiobooks, resenha de obras literárias em vídeo, cordel etc.; *Jornalísticos*: notícia, reportagem, depoimento, debate, entrevista etc.; *Publicitários*: propagandas, jingles etc.; *Divulgação científica*: podcasts informativos, seminários, comunicação oral etc.; *Mundo corporativo*: entrevista de seleção, web currículo etc.; *Cotidiano*: relato de acontecimentos, regras de brincadeiras, recados, avisos etc. Os textos orais servem para difundir e valorizar *práticas culturais* e *vivências* de situações diversas em *interação*: fábulas, parlendas, provérbios, instruções de brincadeiras, receitas culinárias.

Ressaltamos a importância de se trabalhar alguns aspectos fundamentais no ensino da oralidade, como: objetivos e preparação – ponto no qual o professor explica para que a atividade serve e o que o aluno precisa preparar antecipadamente para conseguir ampliá-la, desenvolvendo a atividade – é o momento de o professor apresentar o passo a passo da atividade: como fazer e quais cuidados tomar na hora da avaliação: o professor deve avaliar quais habilidades estão envolvidas, no que ele precisa se ater e como deve corrigir eventuais problemas de desenvolvimento dos alunos na atividade; e, por último, dicas e variações – o professor, quando e sempre que possível, realiza outras leituras para compreender melhor os conteúdos abrangidos pela atividade.

A *comunicação* abrange o conhecimento de regras que presidem a formação de sentenças; o conhecimento dos recursos comunicativos e de normas sociais que definem a adequação da fala e o reconhecimento das normas para o uso de diferentes variedades de uma língua. Em outras palavras, é a habilidade de comunicar-se na escola, em casa, em festa de amigos e em ambientes diferentes; fazer comparações; desenvolver o raciocínio; dar informações culturais; ler em voz alta ou não: diferentes tipos textuais e gêneros textuais (poesia, prosa, receitas culinárias, calendário, propagandas, histórias em quadrinhos, listas, dicionários), em diferentes ambientes (escolar, do bairro, de amigos), buscando informações em jornais, livros e revistas, atribuindo sentido ao que leu.

A *fala* engloba também a língua não padrão, comportando variações dialetais, sem o estigma do preconceito. Suas atividades constituem um direito aos indivíduos, em situação de aprendizagem, para que eles percebam que podem (e devem) exercitar suas ideias e defender seus pontos de vista e, assim, garantir seus direitos de cidadão. Algumas práticas podem ser realizadas: contar fatos ou histórias; dialogar; perguntar; manifestar sentimentos, ideias e opiniões; recitar, fazer dramatizações, ler alto ou cantar, dar informações simples; descrever e narrar; fazer ou responder perguntas, comentar, explicar, levantar dúvidas e argumentar; resolver problemas em que entram a verbalização, a verbalização e comparação; a audição e imitação dos sons da natureza.

A *escuta (audição) ou prática de leitura*- As atividades de escuta, na concepção dos PCN (2000), significam colocar os alunos em situações reais de interlocução, não focando necessariamente o falar certo ou errado, mas sim a adequação do registro às diferentes situações comunicativas, pois a língua se funda em usos. Selecionamos: entender o que foi dito: ordens, avisos, leitura, notícia, histórias, instruções, relatos; textos lidos pelo professor, pelos colegas; cinema dublado; diálogos, sons da natureza, rimas, poesias e músicas. Assim, a audição na

escuta deve entender o que foi dito; reconhecer rimas, ritmo e tipos de textos.

Metodologia

Cada gênero comporta o uso de estratégias diferentes, por exemplo: aula expositiva dialogada, anotação de dados importantes, apresentação de trabalhos individuais ou em grupo, com discussão ou debates, pesquisa para compor uma tarefa oral, oficina de atividades pedagógicas, análise de noticiários ou debates, ensino de uma atividade por vez, com acompanhamento e avaliação do processo, ensino de habilidades e competências para o exercício da oralidade, envolvimento com outras disciplinas. Para realizar a análise linguística em atividades orais voltadas ao Ensino Básico, três percursos são utilizados:

1) o *propósito comunicativo* – identificação/estabelecimento da finalidade comunicativa. Diz respeito ao intuito da comunicação. Ele ajuda a determinar que tipo de mensagem se pretende comunicar. Algumas questões são necessárias para se descobrir o propósito comunicativo, como: Qual fato está sendo debatido no diálogo/texto? Que fato quero apresentar no diálogo/texto? Quem apresenta o fato? Onde ocorre esse fato? Quando esse fato ocorre? Como esse fato foi apresentado? Qual a razão do texto oral escolhido? Que elementos linguísticos comprovam as respostas dadas anteriormente?

2) o *gênero* – identificação/estabelecimento do gênero que dá sustentação ao propósito comunicativo. Qual é o gênero estudado?

3) os *recursos léxico-gramaticais-semióticos* – descrição e análise dos recursos léxico-gramaticais e semióticos empregados, estrategicamente, para a construção do gênero estudado. As funções e usos de *recursos gramaticais*: preposições, conectivos, estrutura sintática, pontuação, quantificadores, pronomes; *recursos lexicais*: sinônimos, antônimos, repetições lexicais, afixos, gírias, neologismos, empréstimos, campos semânticos; *recursos semióticos*: negrito, itálico, sublinhado, botões, flechas, luminoso piscante e levar em conta três categorias: a) identificar a função comunicativa do texto analisado; b) identificar e caracterizar o gênero; c) identificar aspectos gramaticais, semânticos, semióticos.

As práticas de análise linguística

Para a composição do *corpus* deste trabalho, selecionamos dois gêneros, apresentados

no minicurso: tirinha de Bill Waterson e entrevista concedida a um programa televisivo. Em ambos os textos, trabalhamos os três percursos citados neste artigo: o propósito comunicativo, o gênero e os recursos gramaticais e semióticos.

Texto 1 – Tirinha



Fonte: <http://depositodocalvin.blogspot.com/2005/05/>

O texto acima foi divulgado em maio de 2005, no endereço eletrônico <http://depositodocalvin.blogspot.com>. Com relação ao gênero, trata-se de uma tirinha por apresentar-se em uma sequência de quadros, geralmente quatro com poucos personagens e mensagem breve. Ela pode ter o propósito comunicativo de divertir, refletir sobre algo, fazer uma crítica a valores sociais e/ou transmitir um valor educativo.

Para cumprir o propósito comunicativo, o gênero em estudo está organizado por meio de imagens, balões de fala e de pensamento. Ele tem ampla circulação em livros didáticos, revistas, gibis e, também, em outros suportes. As expressões fisionômicas dos personagens revelam o que eles expressam, naquele momento.

No primeiro quadro, Calvin aponta para seu prato, com ar de desagrado e pergunta: “O que é isso?” (pronome demonstrativo). O personagem não sabe o nome do prato, logo, ele usa o pronome, como se se referisse a uma coisa qualquer. Vemos também que ocorre uma transgressão quanto ao uso desse pronome, já que deveria ser a forma “isto”, pois o alimento ao qual ele se refere está perto dele, emissor da mensagem.

No segundo quadro, seu pai, com “ar” satisfeito, replica: “Coma, você vai adorar”, procurando convencer o filho a comer, não respondendo diretamente ao filho, podendo significar um valor social educativo, sendo utilizada a forma verbal do imperativo.

No terceiro, Calvin, cabisbaixo, demonstra sua desconfiança e desagrado e mostra que ele não gostou da resposta dada pelo pai.

No quarto quadrinho, Calvin aparenta estar irritado, expressando em pensamento a sua descrença na fala do pai, como se ele fosse um receptor indeterminado, desconsiderando o pai como receptor físico. Isso revela o quanto a interação faz parte da nossa vida, pois mesmo não

havendo ali um interlocutor, o Calvin assim o imagina. A forma verbal “dizem” faz referência a um sujeito indeterminado, pois é uma maneira de o personagem não se indispor com o pai, uma vez que não há comprometimento por parte do falante.

Com relação à expressão fisionômica dos personagens, verificamos que Calvin no primeiro e quarto quadros, revela, respectivamente, dúvida e nojo; a do pai revela tranquilidade, aprovação, como a de quem está gostando do alimento. O uso do negrito em “Sabe”, no último quadrinho, sugere uma ênfase maior dada ao dizer a palavra. Todos esses recursos léxico-gramaticais/semióticos no decorrer da tira sugerem a reprodução de como o texto seria se fosse falado. Eles influenciam o tom de voz, o ritmo da fala, a entonação e as próprias expressões faciais que o falante faria.

Observamos que há vários outros elementos que comprovam as análises feitas nos diferentes percursos, tais como: o uso de ponto de interrogação, o uso do pronome demonstrativo, o uso do pronome “você”, o uso do imperativo. Assim, Calvin usa uma pergunta direta marcada pelo ponto de interrogação, já que ele não sabe de que alimento se trata. Usa também o pronome demonstrativo “isso”, reforçando que ele não sabe o nome do alimento. O pai, na tentativa de fazer o filho comer, não diz o nome do prato e, sem muita explicação, usa o imperativo afirmativo “coma”, revelando a ideia de que, se o filho quisesse saber o que era, deveria provar o alimento. Calvin fica desconfiado, enrugando as sobrancelhas, põe o nariz perto do alimento e, apenas pelo cheiro, faz uma expressão de reprovção abrindo a boca e fechando os olhos, indicando rejeição.

Trabalhar tirinhas em sala de aula pode ser muito enriquecedor e produtivo ao tentar desenvolver o estudo da oralidade, pois elas possibilitam a fala e a escuta, assim como representam o posicionamento de falante e de ouvinte no exercício da fala. É importante ressaltar que há diferença entre história em quadrinhos e tirinha: aquela apresenta número maior de personagens, é mais complexa, há um conflito a ser resolvido, é mais extensa. Tanto a tirinha quanto a história em quadrinhos se apoiam em textos e imagens para a transmissão da narrativa.

Texto 2 – Material-base: entrevista apresentada no Programa Roda Viva, em 20 de março de 2023, concedida por Sônia Guajajara, atual ministra dos povos indígenas. O recorte dos primeiros 10 minutos da entrevista foi projetado e a análise linguística circunscrita a esse tempo.

Seguimos três percursos – *Primeiro: o propósito comunicativo* – desvendado por meio das questões: 1) *Que gênero está sendo apresentado nesse texto?* Entrevista televisiva; 2) *Qual a finalidade comunicativa desse gênero?* Saber sobre alguém ou algum assunto, de interesse da

população, sob o ponto de vista de personalidades que estejam na mídia, no momento; 3) *Quem responde pela autoria desse gênero?* A equipe organizadora do Programa Roda Viva; 4) *Onde esse gênero circula?* Inicialmente, na TV Cultura e, simultaneamente, pela Internet. Depois ele fica disponível nas diferentes plataformas digitais (como Youtube), por tempo indeterminado; 5. *Quando esse gênero é divulgado ou propagado?* Às segundas-feiras, sempre às 22h, em programação pré-estabelecida pela equipe do programa. Este, especificamente, foi ao ar em 23 de março de 2023; 6. *Como o gênero está organizado para cumprir seu propósito comunicativo?* Por meio de perguntas e respostas, produzidas oralmente, em que entrevistadores, convidados previamente e envolvidos com o tema participam formulando perguntas de interesse da população.

Segundo: Identificação e caracterização do gênero – descrevendo a organização interna do gênero estudado, com perguntas específicas como: 1) *Que tipos de questões devem ser inseridos no gênero entrevista televisiva?* Trazer a público questões que mostram/escancaram a situação dos povos originários do Brasil, tragédia humanitária que assola os indígenas ao longo de toda a história brasileira (mais de 500 anos); 2) *Qual a diferença entre esse gênero e outros tipos de entrevista?* Cada um deles tem sua especificidade, dependerá do propósito comunicativo (entrevista com políticos, de emprego, com o diretor da escola etc.). Este, o Programa Roda Viva, é um espaço plural para apresentação de ideias, conceitos e análises sobre temas de interesse público, que estão nas esferas políticas, institucionais, entre outras, visando a mostrar, na maioria das vezes, uma realidade nua e crua.

Terceiro: Análise dos recursos léxico-gramaticais/semióticos – *Que elementos linguísticos e/ou semióticos comprovam as respostas dadas anteriormente nos percursos 1 e 2?* Para responder ao percurso 3, aquele que dará credibilidade aos dois primeiros, realizamos a seguinte análise: Ao iniciar (março 2023), a apresentadora cumprimenta a todos, diz o nome do programa e explica que se trata de apresentação ao vivo. Em seguida, cita uma fala do Xamã David Copenau, que se relaciona com o tema a ser tratado. Continua sua fala, caracterizando a entrevistada, mantém certo suspense, e o nome da entrevistada é citado somente ao final de sua fala. Essa forma de apresentação sugere prender a atenção do telespectador, valorizando o entrevistado, característica comum em entrevistas. Observa-se, na fala da entrevistada, Sônia Guajajara, várias ocorrências de marcadores conversacionais, como bom, né e aí. No entanto, não se notam essas ocorrências na fala da apresentadora. A explicação é que a fala da entrevistadora foi preparada previamente e conta com o auxílio de “Teleprompter” ou “Teleponto”, como é conhecida essa técnica no jargão profissional, eliminando, assim, as marcas de oralidade.

Quanto à entrevistada, utilizou-se apenas do planejamento local para a elaboração das respostas, situação muito mais propensa à ocorrência das marcas de oralidade. A entrevistada se utiliza, em alguns momentos, do marcador conversacional *né*, cujo efeito de sentido é buscar o apoio dos ouvintes sobre o que ela está afirmando. Esse marcador instiga o interlocutor a concordar com sua fala. Naquele episódio, ela se refere ao papel das mulheres que lutam por um mundo mais justo. Destacamos, a seguir, pequeno texto para verificar como ele poderia ser reescrito na modalidade escrita: “*E até hoje a gente não conseguiu ainda com que essa pista fosse reformada a ponto de receber um esse avião de grande porte né e dali é distribuir as equipes para as demais para as regiões dentro do território Yanomami*”. O mesmo texto, agora, reescrito: E, até hoje, não conseguimos ainda com que a pista fosse reformada, a ponto de receber aviões de grande porte para que diversas regiões do território Yanomami recebam assistência.

Em se tratando dos recursos gramaticais e semióticos, de acordo com a BNCC (BRASIL, p. 80-89), no *eixo de Análise Linguística/Semiótica*, que “envolve os procedimentos e estratégias (meta) cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido...”, e sistematiza-se a alfabetização, particularmente nos dois primeiros anos, e desenvolvem-se ao longo dos três anos seguintes, “a observação das regularidades e a análise do funcionamento da língua e de outras linguagens e seus efeitos nos discursos”, entendemos que é necessário perceber a gramática do texto, para, a partir daí, elaborar as perguntas pertinentes a ele e a necessidade do professor em sala de aula

A importância da valorização da fala e da escuta

É fundamental a observação da língua em uso, de maneira a dar conta da variação intrínseca ao processo linguístico, no que diz respeito: aos fatores geográficos (variedades regionais, variedades urbanas e rurais), históricos (linguagem do passado e do presente), sociológicos (gênero, gerações, classe social), técnicos (diferentes domínios da ciência e da tecnologia); às diferenças entre os padrões da linguagem oral e os padrões da linguagem escrita; à seleção de registros em função da situação interlocutiva (formal, informal); aos diferentes componentes do sistema linguístico em que a variação se manifesta: na fonética (diferentes pronúncias), no léxico (diferentes empregos de palavras), na morfologia (variantes e reduções no sistema flexional e derivacional), na sintaxe (estruturação das sentenças e concordância).

A fala não é mais coloquial do que a escrita e não deve ser menos privilegiada do que a

escrita. Nem sempre ela é a língua não padrão, comportando variações dialetais, sem o estigma do preconceito. As atividades da fala constituem um direito aos indivíduos, em situação de aprendizagem, para que eles percebam que podem (e devem) exercitar suas ideias e defender de seus pontos de vista e, assim, garantir seus direitos de cidadão. As atividades orais visam ao ensino/aprendizagem de diferentes aspectos: coerência global do texto oral; a articulação entre os diversos tópicos ou subtópicos da conversação, buscando suas especificidades, a variedade de tipos e de gêneros de discursos orais e facilitação do convívio social.

O falante utiliza-se de processos constitutivos dos textos, interagindo com um interlocutor invisível. Ele opera sobre os módulos discursivos, semântico e gramatical, exigindo produção, interação e organização. Consideramos práticas de atividades orais: leitura em voz alta e/ou dramatizada; comentários dos alunos sobre o que foi lido; debates espontâneos ou provocados pelo professor; entrevistas, apresentação teatral, brincadeiras, regras de jogos, notícias, júris simulados; provérbios, receitas, fábulas, notícias radiofônicas e outras ações, como recursos gestuais, expressões faciais, voz e elementos suprasegmentais, que ocorrem durante a produção de fala e os processos avaliativos. Em síntese, há várias esferas de gêneros orais na escola: a) *relações do dia a dia*: entrevista, caso, recados, conselho, discussão, convite; b) *entretenimento e literatura*: anedota, cantiga de roda, comédia, improviso, filme, narração, música etc.; c) *escola e academia*: aviso, palestra, comunicação, conferência, arguição, prova oral etc.

As atividades orais visam ao ensino/aprendizagem de diferentes aspectos: coerência global do texto oral; a articulação entre os diversos tópicos ou subtópicos da conversação, buscando suas especificidades, a variedade de tipos e de gêneros de discursos orais e facilitação do convívio social. Há inúmeras oportunidades para se trabalhar efetivamente a oralidade: leitura em voz alta e/ou dramatizada; comentários dos alunos sobre o que foi lido; debates espontâneos ou provocados pelo professor; entrevistas, apresentação teatral, brincadeiras, regras de jogos, notícias, júris simulados; provérbios, receitas, fábulas, notícias radiofônicas e outras ações, como recursos gestuais, expressões faciais, voz e elementos suprasegmentais, que ocorrem durante a produção de fala e os processos avaliativos.

A escuta tem por objetivos gerais desenvolver a capacidade comunicativa do aluno e habilidades cognitivas presentes na modalidade oral da linguagem, implantando conhecimentos prévios, indicando características dessa modalidade, analisando gêneros orais do cotidiano, por meio das capacidades de falar e de ouvir. Indicamos alguns objetivos específicos: a) reconhecer usos da língua e variações linguísticas orais; b) passar um texto escrito para um texto oral; c)

produzir efeitos de sentido em situações orais adequadas; d) produzir gêneros orais do cotidiano; e) propor atividades que estimulem o gênero oral adequado: conversa, discussão, entrevista, debate, aviso, convites, entre outros; f) reconhecer o significado de palavras e expressões; g) relatar e resumir; h) propor atividades de escuta e de fala. Assim, há algumas regras a serem seguidas pelos professores no ensino da modalidade oral: explicar que sempre há um só falante e outro(s) que escuta(m); perguntar se o aluno tem dúvidas e ouvi-lo atentamente; contar um fato ou uma história ou outro gênero para os grupos (apoiado por cartazes, ou gestos, se for o caso), sempre estimulando a conversa e a discussão; desenvolver atitudes como falar, ouvir e respeitar o turno (o aluno ou a classe deve planejar em voz alta, ter dimensão multimodal com recursos gestuais, expressões faciais, voz e outros elementos possíveis); explicar o significado de termos que os alunos desconhecem.

Atividades sugeridas para o ensino da oralidade, no Fundamental II (6º ao 9º ano)

Nessa fase, ampliamos os objetivos com temas que estimulam a reflexão sobre o vocabulário, a variação linguística e as relações entre fala e escrita. Podemos trabalhar com: autobiografia, cantos, cartas, casos, conselhos, cordel, crônica, descrição de pessoas, objetos, cenas ou brincadeiras, diálogos, debate, entrevista, exposição oral, notícias, oralização do texto escrito, propagandas, provérbios, receitas, proposição de regras para jogos, instruções, relato pessoal, reportagem, representação teatral, resumo, e textos de tradição oral, entre outras possibilidades:

Conteúdo	<ul style="list-style-type: none">A. Histórias e textos informativos.B. Debates – tema adequado para a faixa etária.C. Entrevista com um meteorologista ou tema sugerido pela turma.D. Exposição oral: relatos e notícias vividas ou acontecidas. Causas e consequências. Descrições. Finalidade do gênero, Perfil dos interlocutores; veículo para a produção do gênero; estrutura do relato; linguagem do relato.
-----------------	--

Atividades sugeridas para o ensino da oralidade no Ensino Médio

O ensino médio deve se preocupar com a elaboração de propostas didáticas de alguns gêneros orais formais e públicos, como arguições ou chamadas orais; debates regrados

públicos; depoimentos, discurso de defesa e de acusação, exposição oral do aluno, feiras culturais (exposição oral), júri simulado; mesa-redonda; notícia, propaganda; provérbio (dependendo da classe, pode ser pedido o “significado moral” do provérbio), discussão de como pode ser feito um cartaz que ressignifique o provérbio e de como será sua exposição oral; reportagem; resumo, seminário. Ressaltamos que, no ensino médio, é importante o trabalho da entrevista, que tem por objetivo o primeiro emprego. No 2º e 3º anos pode ser proposta com outros objetivos, porém os alunos devem sempre: ler muito e conhecer de antemão o entrevistador; escolher o tema da entrevista e o entrevistado; elaborar roteiro de perguntas curtas e objetivas, visando a ampliar seu conhecimento e entender diferentes pontos de vista; escolher um espaço específico, usar linguagem adequada e utilizar-se de gravação:

Conteúdo	A – Entrevistas para o 1º emprego (pode ser outro tipo de entrevista). B – Debate sobre um tema atual. C – Feira cultural. D – Júri simulado. E – Entrevista.
-----------------	---

Sugestão de sequência didática

Normalmente uma sequência didática deve começar com o estabelecimento do objetivo da atividade na escola. A seguir, deve ser apresentada à classe uma situação para que a tarefa seja a mais real possível para os alunos: a) Apresentação da situação, que pode constar de uma hora/aula ou de quantas forem necessárias, constituindo um dos módulos do trabalho. Discussão, em sala de aula, do que seja uma entrevista e seleção de estratégias necessárias para o trabalho: conceituação do gênero, suporte, interlocutores que propiciem a produção de uma entrevista; b) Análise, em textos orais e/ou escritos, de alguns traços como dialogicidade, situacionalidade, funções interacionais, negociação, coerência e dinamicidade, próprios do gênero entrevista. Escolha de alguém para ser entrevistado (discutir os objetivos, quem, por que a escolha) e elaboração de um roteiro de perguntas para a entrevista. Esse roteiro pode ser feito em pequenos grupos que depois unificarão em um único roteiro; c) Apresentação dos trabalhos: cada grupo apresenta o seu trabalho com gravações ou com fotos, ilustrando-o. Termina com um debate sobre os relatórios e formulação de questões. O trabalho da apresentação da situação culmina com a sugestão de atividades a serem feitas por pequenos grupos: assistir a entrevistas ou ouvi-las na mídia; observar entrevistas e anotar em um diário de leituras o que se sugere, entre outras possibilidades: número de participantes envolvidos na situação comunicativa; nível

de conhecimento dos participantes entre si e o grau de cooperação de cada um na conversa; forma como se dá a troca entre falantes (por exemplo: o programa Roda-Viva da TV Cultura); maneira como o tema se desenvolve; grau de espontaneidade das falas; nível de linguagem (termos técnicos, gírias, estrangeirismos); aspectos da fala (gestualidade, tom da voz, silêncios, cadência da fala); elementos relativos à polidez, incluindo as regras estabelecidas e aos chamados *atos de fala* (elogio, agradecimento, aceitação, discordância, ofensa etc.); estratégias de argumentação (repetir, exagerar, uso de eufemismos, narrativas pessoais, comparações etc.); reflexos das relações interculturais. (mal-entendido, discordância, situações engraçadas etc.). Após a imersão dos estudantes no gênero, é necessário que se faça uma proposta de ensaio de uma entrevista, seguida de avaliação pelos colegas, antes que eles elaborem questões a serem feitas, após a seleção de um nome de uma pessoa a ser entrevistada. Produção inicial, isto é, a pesquisa sobre alguém: escritor, da comunidade, um pai etc. Para esta tarefa, é necessário um trabalho que, normalmente se realiza em diferentes etapas ou módulos, como mostramos a seguir: Módulo 1: proposição de atividades que desenvolvam a habilidade de falar e escutar, preparatórias para produção de uma entrevista/ turno e mudança de turnos; Módulo 2: atividades que reflitam sobre os objetivos de entrevistas; nível de fala; postura corporal/ tratamento pessoal/ interação face a face; Módulo 3: pesquisa sobre a pessoa que será entrevistada; Módulo 4: se for um escritor, leitura de textos; Módulo N outras tarefas que se façam necessárias para o alcance do objetivo de uma entrevista ou da complexidade exigida pela escolha do entrevistado. Neste momento, devemos lembrar que já propusemos tarefas a serem feitas antes da entrevista, além de relembrar os objetivos da tarefa, o roteiro de questões, a pesquisa sobre o entrevistado, entre outros cuidados anteriormente apontados. Nesse caso, no módulo selecionado para o roteiro de perguntas a serem feitas pelo entrevistador, o grupo-classe poderá, inicialmente, fazê-lo em pequenos grupos e depois haverá seleção das que acharem mais interessantes.

Os conteúdos são apenas sugestões, uma vez que cada classe é uma classe, cada escola é uma escola. Como consequência, as propostas só poderão ser efetivas depois de conhecimentos adquiridos pelos professores, em relação à escola, aos alunos e aos programas.

Caso os professores não tenham esses conhecimentos, propomos a execução de um protocolo chamado *Análise de Necessidades da Classe*, em que os professores trabalharão a demanda apresentada pelos alunos. Essa análise é considerada como uma pré-condição à formação do estudante, envolvendo escolhas heterogêneas. Ela permite a coleta de dados relacionados às necessidades, aos desejos e às lacunas dos alunos que devem, sempre que

possível, serem priorizados.

A escola é um dos espaços da prática da interação da fala. As línguas têm diferentes usos da fala. Tanto o “falar bem” quanto o “escrever bem” não são simplesmente conhecer regras gramaticais da língua, mas usar adequadamente a língua para produzir um *efeito de sentido*, em determinada situação. O que se observa é que os livros didáticos raramente propõem atividades orais, restringido, muitas vezes, ao estudo da variante da linguagem coloquial falada ou da variante padrão escrita.

O professor precisa considerar a estrutura do texto falado e seus níveis: *nível local* – quando a conversação é estabelecida, em turnos, cada um respeitando o momento da fala do outro; *nível global* – quando o nível anterior ocorre (o local), mas há certas normas de organização global que devem ser seguidas, mantendo o assunto ou tópico discursivo; *digressão* – quando há um rompimento do assunto, isto é, fuga do tema; *coesão* – quando é estabelecida por meio de marcas linguísticas em seus aspectos léxico, sintático e semântico, como: e então, quer dizer, eu acho que; entonação, pausas, hesitação, tom de voz etc.; *coerência global* – quando há sentido global e, para isso, há busca de articulações entre os tópicos ou subtópicos da conversação.

É a partir do Ensino Médio que a comunicação do estudante terá de estar consolidada, para ele se manifestar oralmente com argumentos sólidos, saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas, especialmente as mais formais, como planejamento e realização de entrevistas, debates ou outras atividades orais mais complexas. Saber se comunicar é importante para toda e qualquer profissão que o estudante escolher para a vida, uma vez que empregadores valorizam pessoas que sabem se expressar, que conseguem transmitir ideias com clareza, e a boa comunicação inclui a capacidade de ouvir e entender o que é dito.

A importância da avaliação

A *avaliação* da modalidade oral deve ser redimensionada, pois ensino e avaliação são interdependentes. O apoio deve ser nos resultados apresentados pelos alunos, seja em leitura ou em escrita. O aluno deve sempre levantar hipóteses, para mudar algo em seu texto, observando os usos da fala e da escrita. A avaliação deve ser uma reflexão, uma pesquisa de ensino/aprendizagem de reorientação do saber anteriormente adquirido: Quem diz? O que diz? Para quem diz? Onde diz? A avaliação deve acontecer todos os dias do período letivo, pois a

aprendizagem também acontece todos os dias.

Que habilidades devemos avaliar em comunicação?

- realizar comparações;
- comunicar-se na escola, em casa, em festa de amigos e em ambientes diferentes;
- desenvolver o raciocínio;
- dar informações culturais;
- ler em voz alta ou não: diferentes tipos textuais e gêneros textuais (poesia, prosa, receitas culinárias, calendário, propagandas, histórias em quadrinhos, listas, dicionários), em diferentes ambientes (escolar, do bairro, de amigos), buscando informações em jornais, livros e revistas, atribuindo sentido ao que leu.

Que habilidades devemos avaliar na fala?

- Contar fato; contar histórias; dialogar, respeitando o turno;
- perguntar;
- manifestar sentimentos, ideias e opiniões;
- recitar, fazer dramatizações; ler alto ou cantar;
- dar informações simples; descrever e narrar; conversar; fazer ou responder perguntas; comentar, explicar, levantar dúvidas e argumentar;
- resolver problemas em que entram a verbalização e a comparação; a imitação dos sons da natureza.

Que habilidades devemos avaliar na escuta?

- Entender o que foi dito: ordens, avisos, leitura, notícia, histórias, instruções, relatos; textos lidos pelo professor, pelos colegas; cinema dublado; diálogos, sons da natureza, rimas, poesias e música.

A avaliação deve também ser prevista para ocorrer em todos os momentos em sala de aula e deve ser redimensionada, pois ensino e avaliação são interdependentes e um alimenta o outro. Avaliações diagnósticas são importantes para se poder definir o ponto de partida do trabalho. Diferentes formas de avaliação durante as atividades (relatórios de acompanhamento, conversas com os alunos) devem ocorrer, para que, se for o caso, o professor possa intervir e redirecionar

as atividades. A avaliação deve acontecer a cada dia do período letivo, pois a aprendizagem também acontece todos os dias. Isto não significa aceitar qualquer resultado, mas o professor deve ter uma atitude positiva, respeitosa, esclarecida e estimuladora do professor que sabe estar promovendo um desenvolvimento que só pode acontecer gradual e processualmente. Para isso é preciso a intervenção do professor.

Conclusão

O objetivo do minicurso apresentado na *III Jornada de Educação Linguística*, em 17 de outubro de 2023, agora, transformado em artigo, versou sobre a prática da modalidade oral, no Ensino Básico, sob a perspectiva da Educação Linguística, levando em conta os percursos de análise textual definidos pelo Grupo de Pesquisa em Educação Linguística (GPEduling). São eles: o propósito comunicativo; o gênero e os recursos léxico-gramaticais-semióticos. Foram observadas as seguintes categorias de análise: a) identificação da função comunicativa das atividades apresentadas; b) identificação e caracterização do gênero; c) identificação dos aspectos gramaticais, semânticos e semióticos, pois é este que dá a confiabilidade aos dois primeiros. Apresentamos duas atividades, baseadas nos percursos acima mencionados; uma, voltada ao Ensino Fundamental II, outra, ao Ensino Médio.

Considerando o que propõem os PCN (1998a), ao focalizarem um ensino de língua voltado à reflexão acerca dos usos, a análise linguística proposta pelo GPEduling pode se tornar uma ferramenta fundamental para que se consolide tal reflexão. Considerando, também, o que diz a BNCC (2017 p. 145), para trabalhar com textos orais, procura-se estimular as habilidades lá contempladas, uma delas, “desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão e avaliação de textos orais, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, a variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.”.

Embora se mostre crucial, uma vez que há percalços a serem vencidos, a aplicação da proposta de estudo de língua portuguesa, em sua modalidade oral, requer reflexões por parte dos professores de língua materna e educadores em geral e, também, uma nova visão de trabalho com a língua no dia a dia escolar. Para que tal trabalho se consolide, é necessário que haja conhecimento por parte do docente, não só sobre o que diz a teoria linguística, mas

também sobre a aplicação na prática, o que requer saberes, também, da teoria gramatical e da teoria dos gêneros textuais, possibilitando embasar suas aulas em elementos que, de fato, levem os alunos a reconhecerem, nas formas linguísticas presentes nos vários textos, os usos efetivos.

Referências

- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP& A, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Diretrizes Curriculares: Ensino Médio**. BRASIL/SEMTEC, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília, 1998a. p. 59-118.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º. ciclos: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998b.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries (ou 3º e 4º ciclos) – Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais – 1ª a 4ª séries (ou 1º e 2º ciclos) – Língua Portuguesa**, 1997.
- CARVALHO, R. S; FERRAREZI, Júnior. **Oralidade na Educação Básica – o que saber, como ensinar**. São Paulo: Parábola, 2018.
- DOLZ, J. *et al.* A exposição oral. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 215-246.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. da C. V. de; AQUINO, Z. G. O. de. **Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FLORES, V. do N. (org.) **Enunciação e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2022.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação: princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2014.
- LOMAS, C. **O valor das palavras (1) – Falar, ler, escrever nas aulas**. Porto: ASA, 2003.
- PALMA, D. V.; TURAZZA, J. S. **Educação Linguística e o ensino de Língua Portuguesa: algumas questões fundamentais**. São Paulo: Terracota, 2014.